
**CRIME DO REALENGO: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA
NAS REVISTAS ÉPOCA, ISTOÉ E VEJA**

**CRIME OF REALENGO: AN ANALYSIS OF THE JOURNALISTIC WORK IN
ÉPOCA, VEJA AND ISTOÉ MAGAZINES**

BÁRBARA BIANCHI¹; CARLOS GOLEMBIEWSKI²

Resumo: Em 7 de abril de 2011, ocorreu um assassinato em massa na Escola Municipal Tasso Silveira, localizada no bairro do Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Doze crianças foram mortas por Wellington de Menezes, ex-aluno da instituição. O crime que repercutiu na mídia nacional e internacional, foi massivamente explorado pelos meios de comunicação. As três revistas de maior circulação no país: Veja, Isto é e Época, seis dias após o crime, publicaram matérias especiais em suas edições. A presente pesquisa analisa como foi a cobertura jornalística deste fato pelas revistas, através de uma análise de conteúdo na definição do jornalismo informativo por José Marques de Melo, buscando também, um olhar crítico sobre a presença de sensacionalismo nas matérias, de acordo com estudos de Danilo Angrimani.

Palavras-chave: Massacre de Realengo; Jornalismo de Revista; Veja; Isto é; Época.

Abstract: On April 7, 2011, there was a mass murder at the Municipal School Tasso Silveira, located in the neighborhood of the Royal in the city of Rio de Janeiro. Twelve children were killed by Wellington de Menezes, an alumnus of the institution. The crime that reverberated in the national and international media, was massively exploited by the media. The three most widely circulated maga-

¹ Acadêmica da disciplina de Pesquisa em Comunicação do 6º período de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: babibrida@hotmail.com.

² Possui graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1987), mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Itajaí. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Videodifusão, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, documentário, televisão, comunicação e grande reportagem. E-mail: carlosgolem@yahoo.com.br

zines in the country: *Veja*, *Isto é* and *Época* magazines, six days after the crime, published articles in their special editions. This research analyzes media coverage as this fact by magazines, through a content analysis of information in the definition of journalism by José Marques de Melo, also seeking, a critical look at the presence of sensationalism in the field, according to studies Danilo Angrimani.

Keywords: Crime Realengo; Journalism Review; *Veja*, *Isto é*, *Época*;

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como foi a cobertura jornalística das revistas *Veja*, *Isto é* e *Época* publicadas no dia 13 de abril de 2011. Nesta data foram veiculadas reportagens especiais sobre o Massacre de Realengo, um crime ocorrido em 07 de abril de 2011 no Rio de Janeiro. Nesse dia, a Escola Tasso Silveira foi palco de uma chacina onde doze crianças foram assassinadas por Wellington Menezes, um ex aluno da instituição. Por volta das 8:30 h da manhã, o homicida foi até a escola dizendo que daria uma palestra para os alunos tendo acesso livre para se dirigir até às salas de aula. Wellington carregava consigo duas pistolas, uma com calibre 38 e outra com calibre 32, além de uma grande quantidade de munições. O crime foi premeditado pelo rapaz, que chegou a deixar uma carta com instruções de como deveria ser enterrado após cometer suicídio. Das doze vítimas fatais entre 12 e 14 anos, dez eram meninas, gênero sexual considerado “impuro” pelo atirador. Diagnosticado com esquizofrenia, Wellington teria sido motivado pelo *bullying* que sofreu enquanto frequentava a escola. De acordo com psicólogos ouvidos pelas revistas, a junção desses problemas foram os principais estimulantes para a realização do massacre. Wellington atirou em sua própria cabeça após a chegada da polícia e acabou estampando seu rosto por toda a mídia.

Por causa do tema estudado nesta pesquisa serão analisados nas reportagens especiais os seguintes aspectos:

- a) a Capa – fotos, manchete e chamadas;
- b) os atributos dados ao atirador;
- c) as reportagens – quantidades de páginas e títulos;

A pesquisa teve como fundamentação teórica o conceito de Jornalismo Informativo de José Marques de Melo no livro “A opinião do jornalismo brasileiro” (1985). Através da Análise de Conteúdo será possível verificar como foi a cobertura jornalística dada para este crime pelas maiores revistas semanais do país. O sensacionalismo presente em seu conteúdo também será analisado nas matérias de acordo com as observações de Danilo Angrimani no livro “Espreme que sai sangue” (1995). Os valores de notícia, definidos por Nelson Traquina em “Teorias do Jornalismo” (2008), auxiliaram na pesquisa, indicando por quais motivos a ação de Wellington Menezes repercutiu no mundo e mereceu virar tema de matérias especiais nas principais revistas do Brasil. Detalhes técnicos sobre as revistas foram estudados levando em consideração as observações de Marília Scalzo em “Jornalismo de Revista” (2004).

A escolha das revistas deve-se à sua abrangência. A Revista Veja foi criada no ano de 1968 pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. Com periodicidade semanal, possui a maior circulação do Brasil com média de 1 milhão e 88 mil exemplares por semana (ANER, 2010). A Veja pertence à Editora Abril. Com a segunda maior circulação do país, 408 mil exemplares por semana, a Revista Época lançada em 1998 pertence à Editora Globo e também terá sua cobertura especial analisada nesta pesquisa. Por fim, será estudada a Revista Istoé fundada em 1976 pela Editora Três com circulação média de 338 mil por semana. As três revistas lideram o *ranking* da ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).

Veja é hoje a revista mais vendida e mais lida do Brasil, a única revista semanal de informação no mundo a desfrutar de tal situação.(...) Lançada em 1968, nos moldes da norte americana Times, Veja lutou com dificuldade, durante sete anos, contra os prejuízos e contra a censura do governo militar.(...)Veja é hoje a quarta revista mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas Time, Newsweek e US News & World Report. No Brasil, a primeira concorrente de Veja, foi Visão, que já existia quando a revista da Abril foi lançada. Depois vieram Istoé, Senhor (...), Afinal e Época”.(SCALZO, 2004, p.31)

Estudá-las é essencial para ser verificado de que forma foi tratado o massacre de Realengo, crime de grande impacto social. É importante verificar de que maneira um tema como este foi abordado pelas principais revistas brasileiras, tentando perceber até que ponto o Jornalismo passa a ser Sensacionalista.

A análise de conteúdo foi feita a partir dos estudos de Fonseca Júnior (2005). Serão avaliadas as principais matérias sobre o acontecimento e também todas as reportagens ligadas com o tema, além da capa das três publicações.

A repercussão dada ao crime tornou este acontecimento alvo de toda a Imprensa mundial, o público foi exposto a esta cobertura e soube por diversos meios como tudo aconteceu. As revistas utilizadas nesta pesquisa trataram o tema de forma mais intensa, com matérias em profundidade que abordaram não só o fato, mas o que ocorreu antes dele e o que foi feito para diminuir os impactos do crime após o acontecido. A forma com que a mídia vem tratando o assunto que por si só gerou polêmica, despertou o interesse para a verificação de como as revistas semanais trabalharam esta cobertura.

Mais do que avaliar o conteúdo, esta pesquisa se voltou para o modo como o tema foi tratado pelas principais revistas do país. Buscando assim, informar ao público das revistas Veja, Istoé e Época se ele está recebendo uma informação de caráter informativo ou com viés sensacionalista. Após tal análise, o leitor poderá se tornar mais crítico e conseqüentemente poderá exigir matérias melhores neste tipo de cobertura.

Metodologia

Para realizar a pesquisa utilizou-se o método de Análise de Conteúdo. Ele foi aplicado na cobertura do Massacre de Realengo, publicado pelas revistas Veja, Istoé e Época do dia 13 de abril de 2011. A Análise de Conteúdo (AC), segundo Herscovitz (2007, p.126):

Um método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Fonseca Júnior, por sua vez, relaciona a Análise de Conteúdo com o sensacionalismo dizendo que ela “encontra-se estreitamente relacionada ao florescimento do jornalismo sensacionalista (*muckraking journalism*),” relacionando-se assim com o estilo do tema estudado nesta pesquisa. Este tipo de metodologia organiza-se em três fases cronológicas (Fonseca Júnior, 2005, p.291):

- a) **Pré-análise:** consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise;
- b) **Exploração do material:** refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. Se a pré-análise for bem sucedida, esta fase não é nada mais do que a administração sistemática das decisões tomadas anteriormente;
- c) **Tratamento dos resultados obtidos e interpretações:** os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas (quando for o caso) permitem estabelecer um quadro de resultados, diagramas, figuras e modelos.

Nesta pesquisa, tais fases serão seguidas para garantir resultados eficientes. Fonseca Júnior (2005), diz ainda que a Análise de Conteúdo oscila entre dois pólos, ora valorizando o aspecto quantitativo, ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. Neste caso, será utilizado o método qualitativo, com a análise das matérias especiais, dedicadas ao tema em estudo. Herscovitz (2007, p.127) que também divide a Análise de Conteúdo entre quantitativa e qualitativa, classifica a análise qualitativa como “avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina”.

Informação x Sensacionalismo

A presente pesquisa analisa como foi a cobertura jornalística do Massacre de Realengo nas revistas Veja, Isto é e Época publicadas em 13 de abril de 2011. Segundo Melo (1985, p.62): “A cobertura não implica necessariamente na produção de matérias a serem difundidas, mas significa uma familiarização com os fatos e seus personagens, obtendo elementos que orientam as decisões jornalísticas da própria empresa. Trata-se de uma atividade que alimenta a estrutura informativa(...)” O assassinato das doze crianças, por Wellington Menezes ganhou destaque na mídia. O desenrolar do fato traz o que é necessário para virar notícia, levando em consideração um dos critérios de noticiabilidade definidos por Nelson Traquina (2001, p. 79):

Onde há **morte**, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou

nos ecrans da televisão.(...) Podemos dizer que todos nós seremos notícia pelo menos uma vez na vida – no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou com destaque na primeira página.

Será realizada uma Análise de Conteúdo das matérias, verificando especialmente a capa, manchetes, títulos e reportagens sobre o tema. O conteúdo jornalístico do material estudado é de caráter Informativo, que segundo o autor José Marques de Melo “assegura a informação ao povo” (1985, p. 18). Melo (1985, p. 49), afirma que a distinção do conteúdo de reportagens está na progressão dos acontecimentos. “A *reportagem* é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações percebidas pela instituição jornalística.”

Foram ainda analisados os títulos e manchetes da capa e das matérias que tratam do massacre. Melo (1985, p.69) divide esses itens em dois tipos:

- a) os que emitem claramente um ponto de vista;
- b) os que dissimulam o conteúdo ideológico.

Enquanto o primeiro tipo é peculiar aos jornais e revistas de combate, vinculados ou não a partidos políticos, o segundo tipo é constante nas publicações comerciais, aquelas que se regem pela ganância, pelo lucro, ainda que pretendam ostentar uma capa de neutralidade, imparcialidade.

Os atributos dados ao atirador também foram verificados nessa pesquisa, assim como os títulos e manchetes, neles foram levados em consideração se são ou não sensacionalistas. Marcondes Filho (1986) explica aspectos do sensacionalismo da seguinte maneira: “não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas.”

Tendo em vista as observações dos dois autores, resta questionar se o conteúdo publicado na revista é de caráter puramente informativo ou se traz traços sensacionalistas. Danilo Angrimani (1995, p.16) no livro “Espreme que sai sangue” define que as manchetes de cunho sensacional são as que provocam comoção, chocam e despertam a carga pulsional dos leitores. Angrimani (idem, p. 17) vai além nas qualificações ao sensacionalismo:

É na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas. É no

tratamento anti-anódino da notícia, quase sempre embalada em um caleidoscópio perverso, que o sensacionalismo se destaca dos informativos comuns.

Angrimani (1995) diz que o sensacionalismo está diretamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue derramado. Como as matérias publicadas nas revistas *Veja*, *Istoé*, *Época* falam sobre o assassinato de 12 crianças, chega-se a conclusão de que o Massacre de Realengo em si é um tema de caráter sensacionalista. Arbex Jr. (2005, p. 132/133), reforça tal idéia: “Há fatos que, por sua força, acabam se impondo como notícia, às vezes contra a vontade de determinado veículo ou oligopólios em seu conjunto.” Desta forma é analisado como o tema foi tratado pelas revistas em suas matérias especiais. Esta pesquisa traçou um comparativo do conteúdo das três revistas para avaliar como foram feitas as reportagens especiais e qual caráter foi predominante: informativo ou informativo com viés sensacionalista.

Análise de Conteúdo

Capas Revistas *Veja*, *Istoé* e *Época*

A capa é o que vende uma revista. É ela que torna o produto atrativo para os leitores. Scalzo (2004, p. 62) diz que a capa “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor”. Por este motivo, é digna de análise, já que através dela a informação é vendida e o trabalho jornalístico chega ao seu consumidor final. Uma capa diz muito sobre a revista, pois direciona os interesses e traz peculiaridades que definem a linha editorial a ser seguida. Marília Scalzo (2004, p.63) destaca a importância de uma boa capa para o veículo. Através do seu livro, a autora especifica o que é necessário para a elaboração do conteúdo de uma das partes mais importantes da revista:

Em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor. O logotipo da revista também é fundamental, principalmente quando ela é conhecida, e já detém uma imagem de credibilidade junto ao público. Afinal, quando você vê na banca duas revistas com a mesma notícia na capa, você compra aquela na qual confia mais. Para completar, as chamadas devem ser claras e diretas. (...) A chamada principal e a imagem da capa devem se complementar, passando uma mensagem coesa e coerente. Por melhor que seja a imagem escolhida, o fundo da capa (seja fotografia ou não) não pode atrapalhar a legibilidade das chamadas. Numa capa, aliás, legibilidade é tudo.

Desta forma foi verificado na análise das capas, se tais regras foram respeitadas, além de quais artifícios como palavras, cores e fotos, foram utilizados para despertar a atenção do leitor.



Revista Veja – Edição 2212 – 13 de abril de 2011

Na capa da revista *Veja*, predomina a cor vermelha, que remete ao banho de sangue provocado por Wellington Menezes, após assassinar doze crianças. Sua imagem também aparece um pouco desfocada e fica ao fundo, como se fosse embebido pelo sangue, tendo a boca tapada por uma tarja de cor preta, que significa luto. O título “**O monstro mora ao lado**”, carrega o peso de um julgamento, especialmente por estar diretamente ligado à imagem do atirador. A frase soa clichê, lembrando filmes de

terror e ilustra um conteúdo sensacionalista. Angrimani (1995, pg. 42) diz que a linguagem clichê é “uma possibilidade de manipulação das pulsões do leitor”. É justamente isso que a *Veja* faz ao elaborar sua manchete principal. Ela induz os leitores a estereotiparem Wellington, especialmente com a chamada principal do título “**Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, solidão e frustração?**” A palavra monstro do título, ligada à chamada “Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, solidão e frustração?”, já cria no inconsciente do leitor a cena de “um monstro vindo das profundezas”, tornando ainda mais agressiva a imagem do atirador.

De maneira elaborada, a capa gera a sensação de agonia, morte e terror. Além do julgamento através da raiva, a *Veja* provoca um outro sentimento humano: a curiosidade. Na segunda chamada “**Vidas interrompidas – Elas queriam ser da Marinha, atletas, modelos...**” a revista desperta nas pessoas a vontade de saber mais sobre as crianças mortas, podendo assim, sentir um pouco a dor da perda, como se as vítimas fizessem parte da vida de quem lê. José Arbex Jr. (2005, p. 60), julga essa atitude como comercial “para a mídia em princípio tudo pode ser publicado, mesmo os detalhes mais íntimos da vida de uma pessoa, se isso gerar lucro.” Levando em consideração tais observações verifica-se que a revista *Veja* conquista seu leitor, através da manipulação de palavras e imagens, que quando alinhados de forma sintonizada, criam um contexto ainda mais pavoroso, despertando a atenção das pessoas através dos sentimentos, seja de dor, perda ou curiosidade pelo íntimo do próximo.

As demais chamadas também carregam atributos e julgamentos através de palavras isoladas como “bárbaros” e “trauma”. Sem exceção, todas as chamadas e legendas estão legíveis, foram utilizadas cores mais neutras, evitando o colorido que desperta alegria. A capa é exclusivamente sobre o massacre e em seu topo traz a descrição “Especial Massacre de Realengo”, não deixando dúvidas de que o tema predominará na revista.



Revista Istoé – Edição 2161 – 13 de abril de 2011

Assim como na revista *Veja*, na capa da *Istoé* é predominante o uso da cor vermelha que desperta a atenção, especialmente por lembrar sangue. A foto de Wellington, também aparece, porém, de forma mais explícita. Nesta revista, ela fica em destaque e colorida, como se ele fosse apenas anexado ao contexto da capa. Na *Veja*, mais do que chamar a atenção pelas imagens em si, a atenção se volta às expressões e denominações das chamadas. A *Istoé*, por sua vez, tentou comover seu público através da dor, com a foto de uma mãe desesperada, tingida pela cor vermelha. As chamadas de cor branca são legíveis e neutras.

A manchete principal “**O terror chega à escola**”, traz seu maior peso na palavra terror, porém, diferentemente da revista *Veja*, caracteriza a ação de Wellington e não o julga. As demais chamadas

não utilizam palavras de forte impacto social ou adjetivos que tentem comover o público. Desta forma, foi possível verificar que o apelo da revista Istoé, ficou por conta da imagem de sofrimento unida à cor vermelha, demonstrando que aquela mãe foi atingida pelo sangue das vítimas. De acordo com Arbex Jr. (2005, p.80), a imagem “comunica imediata e instantaneamente o complexo de emoções e significados a ela conexos”, ou seja, o uso de imagens explicita a intenção da revista. Na Veja foi preciso ler as chamadas para entender seu objetivo. Já na Istoé estava devidamente estampada a intenção de comover o leitor. O topo da página traz uma chamada que não está relacionada com o massacre.



Revista Época – Edição 673 – 13 de abril de 2011

A revista *Época* trouxe em sua edição do dia 13 de abril, uma proposta diferenciada das suas concorrentes *Veja* e *Istoé*. Ao invés de abusar do vermelho e usar a imagem de Wellington ou do sofrimento de uma mãe, a *Época* optou pelo luto. Trouxe a cor preta e representou o atirador apenas como uma sombra cinza, o vermelho de sangue apareceu nas asas. Também não julgou seu caráter ou atitude, assim como as demais, já que conseguiu representar a intensidade do que havia acontecido no dia do massacre com uma frase do próprio Wellington “**Vou matar vocês. Não adianta fugir**”. Neste caso, a revista conseguiu sensibilizar o público, fazendo-o refletir rapidamente sobre o que as crianças passaram sem precisar recorrer a um sensacionalismo barato.

A capa da *Época* chamou a atenção de uma forma mais discreta, porém não menos direta. Na chamada abaixo da manchete principal, com uma fonte menor, a expressão “**espalhando a morte**”, traz um dos traços mais sensacionalistas da capa. A frase não deixa de ser sensacionalista, apenas “camufla” a intenção, já que de alguma forma a morte apareceu na capa. As legendas também estão legíveis e de acordo com a imagem, já que a sombra de Wellington em posição de ataque está unida a frase dita durante o ato. Esta capa, assim como a da *Veja* é exclusivamente voltada ao massacre de Realengo. A *Época* foi mais direta que as outras revistas analisadas e precisou de menos elementos chamativos para atingir seu objetivo: vender a cobertura da morte de doze crianças.

Atributos dados ao atirador

Durante a análise foi observado uma grande quantidade de denominações e qualificações dadas a Wellington Menezes pelas revistas *Veja*, *Istoé* e *Época*. Além de características da pessoa em si, o aspecto psicológico do rapaz também foi julgado pelas revistas. Abaixo, uma tabela com todos os atributos dados ao atirador, assim como a quantidade de vezes que foram citados em todas as reportagens especiais:

Revista Veja – Edição 2212 – 13 de abril de 2011

Atributos	Quantidade de citações na reportagem
Matador	2
Assassino	1
Monstro	1
Criança problema	1
Aluno mediano	1
Esquisitão da turma	1
Desequilíbrio mental	1
Mente perturbada	1
Mente doentia	1

13

Revista Istoé – Edição 2161 – 13 de abril de 2011

Atributos	Quantidade de citações na reportagem
Assassino	4
Atirador	3
Solitário	3
Frio caçador	1
Criminoso	1
Matador	1
Psicótico	1
Perturbado	1

Atributos	Quantidade de citações na reportagem
Fechado	1
Introvertido	1
Tímido	1
Calado	1
Jovem pacato	1
Jovem tranqüilo	1
Perturbação mental	1
Mente perturbada	1
Personalidade perturbada	1

Revista Época – Edição 673 – 13 de abril de 2011

Atributos	Quantidade de citações na reportagem
Assassino	12
Algoz	1
Malévolo	1
Desequilibrado	1
Aluno mediano	1
Calado	1
Loucura homicida	1

Todos os adjetivos enumerados nesse levantamento foram dados pelas revistas à Wellington. A Opinião de especialistas ou de terceiros não foram considerados. A denominação mais utilizada pelas revistas foi “**assassino**”, que apareceu dezessete vezes nas reportagens, sendo que doze aparições foram somente na revista *Época*. Portanto, a revista *Época* foi mais contundente, já que o acusado foi visto cometendo os crimes e os confessou através de bilhetes encontrados pela polícia. Os adjetivos matador, aluno mediano e calado repetiram entre uma revista e outra. Sete adjetivos foram dados à mente e personalidade do rapaz. Os vinte e oito adjetivos restantes são direcionados diretamente à Wellington.

Com esta avaliação foi possível verificar que a *Veja* atribuiu qualidades ofensivas um pouco menos agressivas do que as demais revistas estudadas. A menor quantidade de atributos foi feita pela revista *Época*, porém são adjetivos mais impactantes. A *Istoé*, por sua vez, abusou da quantidade de qualidades dadas à Wellington, utilizando dezessete qualificações diferentes. Desta forma, as três revistas estudadas, mostram que para fazerem suas matérias, usam de um julgamento escancarado do personagem principal, sugerindo ao leitor qualificá-lo da mesma maneira.

As reportagens

As revistas em análise produziram reportagens especiais sobre o Massacre de Realengo. Na planilha seguinte é possível fazer um comparativo de páginas dedicadas ao tema:

Revista	Quantidade de páginas sobre o Massacre
Veja	18 + capa exclusiva
Istoé	21 + capa
Época	18 + capa exclusiva

Com este resultado é possível verificar que a revista *Istoé*, disponibilizou o maior número de páginas para a reportagem especial, porém foi a única que não ofereceu exclusividade ao tema em sua capa.

Os títulos

Nas reportagens foram analisados os títulos das matérias, que junto com a capa foram um dos principais atrativos para o leitor. Na tabela a seguir estão listados em sequência todos os títulos, das três revistas. Mello (1985, p.67) diz que “o título da notícia já constitui a apropriação de uma forma publicitária pelo jornalismo”, desta forma vale ser analisado quais os recursos utilizados pelas revistas para convencer o leitor a consumir toda a matéria. Abaixo, os títulos de acordo com a ordem apresentada pelas revistas:

Veja	Istoé	Época
Cruel, aterrador e inexplicável	O que aconteceu naquelas salas de aula	Terror na escola
Vidas abreviadas	“Virem para a parede, vou matar vocês”	A solidão de um assassino
Só o dever cumprido	Menino solitário, adulto perturbado	O medo dura anos
Vidas a ser reconstruídas	Eles não tiveram chance	
O que estes assassinos têm em comum	O medo cada vez mais cedo	
O efeito viral das matanças		

A revista *Veja* dividiu a reportagem especial em seis matérias. O título que abre a matéria principal carrega uma impactante conotação já que remete à adjetivos que geram uma sensação de pânico no leitor. Os outros cinco títulos são menos agressivos, mas ainda trazem palavras fortes, como “matança” na última matéria. A *Istoé* seguiu uma linha menos agressiva do que a *Veja* nos títulos. Utilizou uma frase de Wellington na segunda matéria e usou mais adjetivos. A *Época* dividiu a reportagem em três matérias e foi objetiva na hora de titulá-las, sendo mais objetiva e menos sensacionalista nas suas escolhas.

Conclusão

Para responder a pergunta de como foi a cobertura jornalística do Massacre de Realengo, nas revistas *Veja*, *Istoé* e *Época*, publicadas em 13 de abril de 2011, analisamos as capas, atributos dados ao personagem principal (réu confesso), a quantidade de páginas dedicadas ao tema em cada revista e os títulos das matérias de cada uma das publicações.

Em relação às capas foi possível verificar que a revista *Veja* utiliza de títulos e chamadas mais impactantes, com palavras que provocaram revolta e curiosidade no leitor. Tais expressões aliadas à imagem de Wellington de Menezes e à cor vermelha, remetendo ao sangue, tornaram a capa da *Veja* a mais **sensacionalista** das três estudadas, já que além de elementos gráficos, apela na escrita das chamadas. Além disto, ainda julgam o atirador, o chamando de “Monstro” na matéria principal.

A revista *Istoé* também trouxe o sangue na capa, estampando-o de vermelho e apelou mais para a imagem utilizada do que para os títulos em si. A foto da mãe desesperada choca, mas os títulos ainda são menos apelativos que os da *Veja*, inclusive pelo fato de julgar a situação e não o atirador.

A capa da revista *Época* pode ser considerada a menos apelativa das três estudadas. Já que não utiliza imagens, julgamentos ou a própria cor vermelha de sangue. A *Época* optou por utilizar uma fala de Wellington, deixando a mente do leitor livre para condená-lo ou não. Ela trouxe os fatos, não os manipulou para venda.

As atribuições dadas à Wellington pelas três revistas também foram analisadas nesta pesquisa. A *Istoé* abusou nos adjetivos, totalizando dezessete qualidades diferentes. A revista *Veja* o denomina com nove atributos diferentes e a *Época* utiliza apenas sete. Com este estudo foi possível perceber que a *Istoé* julgou escancaradamente Wellington. A *Época*, apesar de ter utilizado o menor número de adjetivos, escreveu palavras mais impactantes do que a *Veja* e usou expressões que despertam raiva no leitor. Somente a palavra “assassino” foi escrita doze vezes na Revista *Época*.

A quantidade de páginas usadas pelas revistas para tratar do tema foi equilibrado. Dezoito na *Veja* e na *Época* e vinte e uma na *Istoé*. Nas duas primeiras, a capa foi exclusiva sobre o Massacre de Realengo, já na *Istoé* a chacina dividiu espaço com uma nota que não era sobre o assunto.

Por fim, os títulos analisados retratam novamente um exagero por parte da *Veja*. Com sua reportagem especial dividida em seis matérias diferentes, a revista esbanjou palavras de cunho sensacionalista. Já no primeiro título “**Cruel, aterrador e inexplicável**” é possível visualizar de que forma a *Veja* quer atrair seu leitor. A *Istoé* fez cinco matérias, mas com títulos menos agressivos. Em um deles utili-

zou uma frase do atirador e, em outro, o julgou, mas ainda assim não utiliza os mesmos artifícios da Veja de atrair através do emocional de quem lê. A *Época* fez três matérias, e da mesma forma que na capa foi menos sensacionalista que as demais. Julgou o crime, a situação em que Wellington estava e falou do medo de quem viveu o massacre.

Após as análises é possível concluir que em questão de atrativos ao leitor, como capa e títulos, a revista *Veja* abusa do sensacionalismo se voltando sempre para o lado mais apelativo. Esta revista quer conquistar as pessoas, mexendo com a emoção delas. Porém, suas matérias são mais focadas no fato do que em julgamentos, isto pode ser conferido com a quantidade de vezes que a *Veja* atribuiu qualidades à Wellington e as palavras que utilizou para isto. Eles vendem uma ideia muito mais sensacionalista do que é tratado no texto.

A *Istoé* ameniza na capa e títulos, mas exagera nos atributos ao réu e torna os textos de suas matérias um tanto quanto apelativos. Esta revista faz o leitor criar conceitos a partir da visão da dela própria, contando o fato e já o julgando, não dando espaço para o leitor tirar suas próprias conclusões. Quem acompanhar as matérias do Massacre de Realengo publicadas na *Istoé* terá subsídios para considerar Wellington a pior pessoa do mundo que, apesar de ter cometido uma atrocidade, passou por diversos problemas graves antes de partir para este ato. Não cabe a *Istoé* julgá-lo como frio caçador.

Das três revistas estudadas, a *Época* se mostrou menos sensacionalista que as demais. Não exagerou nos títulos e criou uma capa pretensamente neutra. Pecou na hora de chamar Wellington de algoz, mas o número baixo de atribuições já retrata uma tendência à imparcialidade. Chamou o atirador de assassino doze vezes, provavelmente buscando uma forma de acertar não o julgando desnecessariamente. Wellington era réu confesso, então é um assassino, não o condenou, mas escreveu a verdade. Visivelmente apelaram para a repetição com o objetivo de evitar qualificações a ele. Nos títulos, a tentativa de neutralidade da revista também foi visível.

Desta forma é possível concluir que a cobertura jornalística do Massacre de Realengo pelas revistas *Veja*, *Istoé* e *Época* foi informativa com viés sensacionalista. A *Veja* apelou mais nas capas e títulos, *Istoé* nos textos e a *Época* apesar de ser mais sutil que as outras, também foi tendenciosa, mesmo que de forma moderada. As revistas precisam aprender a informar mais e não a condenar tanto, isso deve ficar por conta do leitor.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

Referências Bibliográficas

- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ARBEX JR., José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da; DUARTE Jorge (Org.); BARROS Antônio (Org.) **Análise de Conteúdo. In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.
- HERCOVITZ GOLBSPAN, Heloísa; LAGO Claudia (Org.); BENETTI Márcia (Org.) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.